

RECADO DE PARIS

PARIS, julho — Um deputado conservador, Ronald Russell, chamou a atenção do governo inglês para o fato de que nos últimos tempos nove jornalistas britânicos foram proibidos de trabalhar nas "democracias populares"; entretanto, os jornalistas desses países trabalham livremente na Inglaterra. Mr. Russell sugeriu represálias. Em resposta, Mr. Davies, do *Foreign Office*, declarou na Câmara dos Comuns: "O governo deplora essa sistemática perseguição aos jornalistas nesses países, mas não pensa em adotar represálias. Não temos nada a esconder. Uma democracia como a nossa pode enfrentar os riscos da liberdade de informação. Os países comunistas não desejam aceitar esse risco. Represálias teriam como resultado uma guerra de expulsões".

Será a democracia inglesa mais forte do que a dos Estados Unidos, que barram não apenas os correspondentes comunistas mas qualquer jornalista que não reza direitinho pela cartilha do sr. Truman? Estive outro dia em Londres, e me deixei ficar uma hora e meia naquele canto do Hyde Park, a ouvir os oradores que falam de tudo com absoluta liberdade. Era uma bela tarde de sol, havia centenas de pessoas deitadas tranquilamente na grama e centenas de outras que ouviam com complacência os mais terríveis oradores. Uma velha mulher falava, a boca espumante, contra o Papa; um homem grisalho declarava guerra de morte a todos os ricos, e outro provava que a Bíblia está cheia de erros. Em volta, as árvores, as flores e os pássaros esvoaçando. Os ouvintes riam, concordavam com um gesto de cabeça ou tiravam o cachimbo da boca para dar um aparte fleugmático. Perto passavam os grandes ônibus vermelhos e as crianças compravam frutas dos vendedores ambulantes. Fomos de orador em orador, e uma amiga traduzia para mim o que eu não conseguia entender. O mundo é grande — mas não contém muitos quilômetros quadrados tão livres como aquele pedaço de jardim.

• • •

De um artigo de François Giroud sobre Orson Welles: "Alguns temem que esse jovem gigante genial tenha a carreira curta de um menino prodígio: passado o prodígio, fica apenas o menino, um velho menino encharcado de álcool..."

13. 7. 50

R. B.

234